

# REFUGIADOS SÍRIOS E AS REDES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: A MANUTENÇÃO DO (MACRO) ACONTECIMENTO

---

*Syrian refugees and communication networks: (macro) event maintenance*

*Refugiados sirios y las redes de comunicación: el mantenimiento del (macro) acontecimiento*

---

## Rejane de Oliveira Pozobon

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Doutora em Ciências da Comunicação. Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política UFSM/CNPq.

E-mail: rejane.op@terra.com.br

## Adriana Domingues Garcia

Jornalista. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Política UFSM/CNPq.

E-mail: adrigarciasm@gmail.com

---

## Resumo

O artigo identifica as redes de comunicação social constituintes dos movimentos estratégicos que garantem a visibilidade da pauta do refugiado sírio na agenda social. O fio condutor é a hipótese de ápice midiático, entendido como um fenômeno de acionamento social, em que os agentes provocam irritações e ativam acoplamentos, transformando as estruturas da sociedade. Essas redes criam novas lógicas discursivas, proporcionando imprevisibilidades e complexidades nos processos comunicacionais.

**Palavras-chave:** Refugiados Sírios; Redes de Comunicação; Acontecimento; Ápice midiático; Atores sociais

## Abstract

The article identifies the social communication networks that make up the movements that guarantee visibility to the Syrian refugee agenda in the social agenda. The guiding thread is the hypothesis of mediatic apex, understood as a phenomenon of social activation, in which agents provoke irritations and activate couplings by transforming society structures. These networks create new discursive logics, providing unpredictability and complexities in communicational processes.

**Keywords:** Syrian Refugees; Communication Networks; Event; Media apex; Social actors

## Resumen

El artículo identifica las redes de comunicación social que componen los movimientos que garantizan la visibilidad de la pauta del refugiado sirio en la agenda social. El hilo conductor es la hipótesis de ápice mediático, entendido como un fenómeno de accionamiento social, en el que los agentes provocan irritaciones y activan acoplamientos, transformando las estructuras de la sociedad. Estas redes crean nuevas lógicas discursivas, proporcionando imprevisibilidades y complejidades en los procesos de comunicación.

**Palabras clave:** Refugiados Sirios; Redes de Comunicación; Acontecimiento; Ápice mediático; Actores sociales

## Considerações iniciais

A República Árabe da Síria está sofrendo uma Crise Humanitária que pode já ter contribuído para o maior fluxo de deslocamento em massa da história, ultrapassando o número decorrente da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que foi de 70 milhões de refugiados. Partimos do pressuposto que a situação atual da guerra civil da Síria teve seu evento inaugural na chamada Revolução de Jasmim, quando, a partir de 17 de dezembro de 2010, o jovem tunisiano Mohamed Ibn Bouazizi ateou fogo no próprio corpo após ter sua banca de frutas confiscada pelas autoridades locais e lançou uma onda revolucionária de manifestações e protestos, instaurando, nos anos seguintes, guerras civis no norte da África e diversos pontos do Oriente Médio.

Os desdobramentos decorrentes desse acontecimento institucionalizaram a Primavera Árabe, que teve como grande aliado o uso das tecnologias de comunicação como elemento organizador e mobilizador, conforme Zahreddine, Lasmar, e Teixeira (2011), que contextualizam que depois do 11 de setembro de 2001, a “arabefobia” surgiu em escala mundial, fruto das políticas adotadas pelo Estados Unidos na tentativa de legitimar suas ações, que nem sempre foi bem compreendida pela população estadunidense. Entretanto, os autores destacam que os avanços nas comunicações deram grande notoriedade e compreensão às Revoltas da Primavera dos Povos Árabes:

*bem como na capacidade de articulação e coordenação de grupos sociais por meio da internet, permitiram que as populações árabes, aos poucos, vissem com mais clareza as benéficas de um mundo acessível a todos, sem limites de informação e de posicionamento político, algo contrário à realidade vivida por esses indivíduos em seus países de origem. (Zahreddine, et al., 2011, p.107)*

Os protestos violentos já tinham tratamento na mídia mundial, com noticiário internacional da rotina dos países em conflito, bombardeios, ataques aéreos, formação de grupos desertores, inserção do terrorismo na disputa de poder, saída dos civis em busca de refúgio na Europa, pelo Mar Mediterrâneo e a morte massiva de muitos deles em

navrágios, causados por embarcações ilegais e precárias. Zahreddine, et al. (2011) afirmam que a “continuidade dos protestos na Síria e a inação das potências ocidentais mostram os laços existentes entre o governo sírio e alguns países europeus, bem como a apreensão de uma transição que não observe os interesses ocidentais” (p. 108).

Em 2014, depois de quase quatro anos de guerra civil e o avanço do estado Islâmico pelo norte do país, a síria tinha se tornado líder de origem de refugiados e, em decorrência dos conflitos violentos que já tinham matado 296 mil pessoas na época, estava sendo evacuada pela brutalidade que devastava os direitos humanos. Para a maioria dos que ficaram, restou a batalha sangrenta e explosiva travada pelo-e-com o regime sírio, entre grupos rebeldes, desertores do governo, exército livre, apoio de potências estrangeiras, como a Rússia. Todos com um suposto objetivo de lutar pelo direito à dignidade de uma vida melhor, “digna de uma primavera que surge depois de um longo inverno, que pode gerar o renascimento da cultura e da história dos povos árabes” (Zahreddine, et al., 2011, p.109).

O processo midiático de tematização percorria uma linha horizontal de operações e os fatos ainda eram classificados como decorrentes da Primavera Árabe, quando aconteceu um fenômeno que recolocou o assunto no topo do debate social, agora com um novo desdobramento: Crise dos Refugiados, como aqueles que, dentro dos preceitos legais da Convenção de Genebra de 1951, são pessoas que temendo serem perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontram fora do país de sua nacionalidade e que não podem ou, em virtude desse temor, não contam com a proteção desse país.

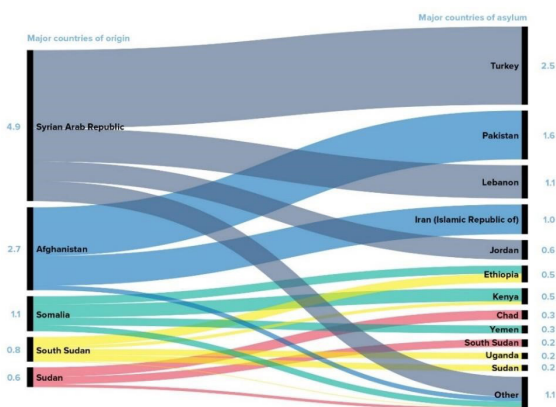
Um evento específico causou uma nova ruptura e foi acionado socialmente a partir de um episódio comunicacional que ocasionou maior evidência midiática para esse tema. Foi quando, no dia 2 de setembro de 2015, houve uma intensa divulgação das imagens do corpo do menino sírio de 3 anos, Aylan Kurdi, que foi encontrado à beira de uma praia da Turquia, após o naufrágio que matou a mãe, o irmão dele de 5 anos e pelo menos mais 12 tripulantes que fugiam das perseguições, injustiças sociais e da pobreza na Síria.

A comoção causada pela divulgação dessas imagens instiga a reflexão e o estudo aprofundado dessa dinâmica alcançada pela mídia. Os indícios evidenciam que houve uma (re) produção de

imagens chocantes, com forte apelo emocional. Em outras palavras, uma orquestração sintonizada que teve o poder de sensibilizar um grande número de pessoas e colocar essa pauta na agenda social mundial, desdobrando o tema em diversos ângulos, perpassando os setores político, econômico, sociocultural, religioso e humanitário.

A partir desse dia, o assunto entrou na agenda da mídia global, porém, dando subsídios para que o debate público fosse acionado mais pelo viés dos refugiados em direção à Europa. Entretanto, a migração forçada ocorre, em maior número para países vizinhos, onde existem campos de refugiados estruturados para oferecer ajuda humanitária, como exemplo, o maior campo de refugiados do oriente Médio, o Zaatari, localizado na Jordânia, que possuía cerca de 79 mil assentados sírios, em abril de 2017. No entanto, em abril de 2013, chegou a abrigar mais de 202 mil sírios (Unchr, The UN Refugee Agency, 2017).

Refugiados na Europa, somam 937.718 entre abril de 2011 e março de 2017, sendo que 65% estão na Alemanha (494.227) e na Suécia (111.216), 21% estão refugiados na Hungria (76.886), Áustria (45.827), Holanda (33.579), Dinamarca (20.083) e Bulgária (19.937); e 14% espalhados em outros países, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a Agência da ONU para Refugiados. O Gráfico 1 mostra o país de origem e de destino da maioria dos refugiados sob a proteção do ACNUR em 2015:



Fonte: Unchr, The UN Refugee Agency, Global Trends: displacement forced 2015

Os dados do Gráfico 1 comprovam a gravidade da situação da Síria ao ser apontada como o país com mais deslocados em todo o mundo. Os dados atualizados em 01 de junho de 2017 estão na marca dos 5,057.986 refugiados atendidos pelo ACNUR. Esses dados remetem à ideia de que, na atualidade, em termos massivos, o povo mais penalizado pelo deslocamento de guerra é o sírio. Por isso, muitas vezes, o chamado “êxodo do século 21” é comparado com os deslocamentos forçados durante a Segunda Guerra Mundial.

A grande diferença é que esse acontecimento está sendo transmitido, traduzido e problematizado pela mídia hegemônica, alternativa e pela sociedade civil em tempo real, no oriente e no ocidente, com amplo alcance, gerando sentidos múltiplos. Isso nos instiga a saber quais elementos são colocados em circulação nesses complexos comunicacionais marcados pela emoção, com imagens cruéis de sofrimento e violação dos direitos vitais do ser humano.

Visualizamos esse movimento como fenômeno sistêmico que alimenta as relações sociais, intensificadas pelos sucessivos acontecimentos e redes de comunicação que atuam na tematização sobre os refugiados sírios. Nesse artigo, analisamos as redes de comunicação que se formam na base da sociedade civil, com atores sociais, geradores e agregadores de acionamentos específicos, de poder multidimensional nos termos de Castells (2009), pois eles alimentam o sistema e por ele são alimentados, podendo funcionar como agentes de cooperação ou repulsão dos discursos.

Nesse contexto, propomos, na primeira parte do artigo, a exposição da ideia de acontecimento, macro acontecimento e micro acontecimento dentro da construção da hipótese de ápice midiático. Na sequência, trazemos a discussão de espaços emancipatórios autônomos da internet no contexto global. Após, tratamos das redes de comunicação, que servem, em primeira instância, como atualizadoras da causa do refugiado na pauta da agenda social. Após, fazemos um levantamento de redes agenciadoras de comunicação, como forma de identificar e observar a forma como ocorre a presença do refugiado sírio em outros espaços além-mídia-hegemônica-tradicional global, para, então, refletirmos sobre a repercussão, fluxos, irritações e acoplamentos derivados dessas conexões.

### A manutenção do acontecimento e a hipótese de ápice midiático

Um acontecimento pode mudar a história de uma vida ou de uma cidade, ou mesmo da humanidade. Quéré (2005) apresenta o modelo praxiológico, em que os sujeitos constroem suas relações com o mundo através da comunicação, que por sua vez é entendida como um processo de interação. Para ele, o acontecimento é algo que vem de fora, que instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, provocando uma ruptura na rotina, mudando o estado das coisas. E, mesmo quando é programado, o acontecimento surge como algo inesperado e imprevisível para os sujeitos afetados por ele.

A dualidade temporal é o destaque do conceito de Quéré (2005), pois, a insurgência do acontecimento provoca a dinâmica de desdobramento para o passado e alongamento para o futuro, desencadeando, por um lado, analogias passadas - na tentativa de construir um contexto causal explicativo; e por outro, expondo suas consequências, analisando os contornos das novas situações criadas ou reveladas por determinado acontecimento - na tentativa de criar um contexto explicável e explicativo.

O autor explica que podemos diferenciar os acontecimentos em função do seu poder de afetar os seres humanos. Desta forma, é preciso, por um lado, situá-los corretamente na ordem do sentido e, por outro, inscrever a ação em uma dinâmica em que a passibilidade do acontecimento e o seu poder hermenêutico desempenhem um papel mais importante do que a motivação dos sujeitos:

*Do ponto de vista do entendimento, que privilegia a ‘contemplação’, o acontecimento é um facto ocorrido no mundo, susceptível de ser explicado como um encadeamento — ele é ‘um fim onde culmina tudo o que precedeu’ — e inscrito num contexto causal. Do ponto de vista da acção, em que é necessário ‘aceitar o irrevogável e reconciliar-se com o inevitável’, o acontecimento é um fenómeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, eles faz compreender as coisas — tem, portanto, um poder de revelação (Quéré, 2005, p. 60)*

Para o autor, a natureza do acontecimento é intervir na experiência humana, pois seu caráter inaugural marca o fim e o início de um processo, além da sua explicação causal, que não é unicamente contemplação do que ocorre, se passa ou se produz, mas também do que acontece a alguém. Sendo assim, a principal origem da compreensão do acontecimento está no próprio acontecimento.

O acontecimento em Charaudeau (2006) também está ligado à relação dos olhares lançados sobre e pelos atores sociais, através dos discursos trocados por eles. O autor exemplifica: “Mortos são mortos, mas para que signifiquem ‘genocídio’, ‘purificação étnica’, ‘solução final’, ‘vítimas do destino’, é preciso que se insiram em discursos de inteligibilidade” (Charaudeau, 2006, p. 131). Essa construção ainda precisa apontar para os sistemas de valores que caracterizam os grupos. Sendo assim, para que seja acontecimento, é necessário nomeá-lo, além disso, ele precisa estar inserido em um discurso midiático.

A hierarquização do acontecimento, definido por José Manuel dos Santos (2005), nos parece apropriada para pensar a hipótese do ápice midiático. O autor baseia-se na teoria dos Sistemas, de Niklas Luhmann, para distinguir megaacontecimento, macroacontecimento e microacontecimento. O megaacontecimento, assim como o macro, possui um tratamento midiático que serve para manter a sociedade acordada, dotado de uma grande dose de violência real e simbólica, mas segundo o autor, é demasiadamente forte para se falar de uma excitação ou irritação, nos termos de Luhmann. O autor nomeia como macroacontecimento os acontecimentos que ocorrem no meio ambiente dos sistemas e produzem reações importantes, na medida da passibilidade dos mesmos. Essas respostas dos sistemas não são reflexos de causa-efeito e sim uma atividade intensa semântica e autorreferencial.

Santos (2005) propõe pensarmos uma teoria do megaacontecimento dentro de um ângulo de negatividade, em que a sociedade, testemunha desse acontecimento, está refém de um efeito hermenêutico, obrigada a olhar as coisas e o mundo em profundidade e a longo prazo. “Não é, pois, por acaso que os megaacontecimentos são negativos e nos são apresentados na perspectiva das vítimas” (Santos, 2005, p. 83).

O sistema dos macro e megaacontecimentos é formado

por uma miríade de microacontecimentos posteriores que lhe fazem eco, os projetam para o futuro e os envolvem em uma teia de sentidos e significações. Dessa forma, os macro e megaacontecimentos são imprevisíveis, já os microacontecimentos são irritações nos sistemas, pós-acontecimentos, atividades interpretativas e investigadoras que ocorrem de maneira a aparar as arestas, atenuar o caráter surpreendente do macro, na tentativa de normalizá-lo. Esse processo é entendido como uma tática defensiva do sistema que produz um sentido próprio e amenizante, que neutraliza a brutalidade semântica da revelação do macro ou megaacontecimento.

A nossa hipótese de ápice midiático é fundada na perspectiva de que ocorrem irritações (Luhmann, 2005) nos sistemas dos macro e microacontecimentos, colocando em evidência midiática o assunto dos refugiados sírios, porém, em graus mais elevados em determinados momentos estratégicos, ocasionando acoplamentos estruturais entre os sistemas midiático, jurídico, político, religioso, etc. O ápice midiático é entendido como um fenômeno de acionamento social, em que os agentes são sensibilizados e sensibilizam, trabalhando coletivamente a comunicação de um determinado episódio, criando links emotivos, conexões afetivas e correntes virais comoventes. Nessa perspectiva, em consonância à ideia de macro acontecimento de Santos (2005), estamos todos vivendo a tragédia humanitária que resulta em um êxodo internacional descomunal, castigando mais de 65 milhões de refugiados espalhados pelo mundo. Logo, estamos obrigados a olhar as coisas e o mundo em profundidade e a longo prazo. Nessa lógica, compreendemos que esse sistema é alimentado de forma que a tematização não “morra”.

Como é possível mensurar esse movimento de elevado nível de abrangência de um microacontecimento ou episódio comunicacional, pertencentes a uma estrutura macro (macro/megaacontecimento), que muda o sistema social? É possível perceber a relevância midiática intensificada, justamente quando se acoplam as ações, provocando mudanças no cenário da mobilidade humana internacional. Como exemplo negativo, temos o fechamento das fronteiras, com o caso dos Estados Unidos que, depois da posse do presidente Donald Trump, aumentou a restrição de imigrantes e refugiados no país; e o caso da Brexit, em que a população da Grã-Bretanha votou em referendo pela saída do Reino

Unido do bloco europeu, em 2016, provocando a renúncia do primeiro-ministro David Cameron.

No entanto, há mudanças positivas, como o sancionamento da Lei de Migração nº 13.445, assinada em 24 de maio de 2017, que representa um importante avanço na luta pelo direito humano de migrar, ao revogar o Estatuto do Estrangeiro de 1980 e instaurar um novo marco legal em matéria migratória no Brasil, apesar do projeto ter recebido 20 vetos presidenciais. De algum modo, houve a abertura do debate especializado sobre fluxos migratórios, o surgimento de inúmeras Organizações Não Governamentais (ONGs) em países que abrigam os refugiados sírios, além de grupos de voluntários que viajam até os campos de refugiados, para prestar ajuda humanitária, realizam mutirões de arrecadação, através de ações de organizações não governamentais, criação de plataformas digitais solidárias, campanhas de informação e sensibilização físicas e online, locais e globais.

### **Espaços emancipatórios de autocomunicação no contexto global**

As repercussões dos acontecimentos sociais ganham novas proporções impulsionadas por movimentos comunicativos em locais específicos da internet, com seus inúmeros espaços de divulgação e manifestações onde os papéis de produtor e receptor se confundem, gerando novas lógicas nas construções de acontecimentos midiáticos e históricos. Nos dias atuais, em meio ao imenso fluxo comunicacional disperso e difuso, acionados pelos internautas convertidos em atores sociais, é possível haver mobilizações de cunho reivindicatório, de interesse comum, de militância e de participação cidadã.

As formas de participação midiática oportunizam recursos que asseguram o direito das pessoas com ideais em comum, a partir de representações simbólicas, a fim de aproximar e permitir a construção de identidades coletivas, criando elos por meio de referenciais emancipatórios, conforme propõe Scherer-Warren (2008). A criação dessas redes possibilitam a convergência das pautas sociais e políticas para atender as demandas materiais e simbólicas, que a autora entende como necessidades materiais que se transformam em representações simbólicas de carências de determinados grupos.

Assim os atores criam pautas reivindicativas para a transformação social dessa situação, surgindo a ação coletiva ou um movimento social específico. A aparente autonomia que existe na internet proporciona um ambiente aberto para manifestações e pluralidade de vozes. O espaço criado é favorável para que ocorram determinados movimentos de tensionamento e dissolução de poderes entre sociedade e demais instituições, como políticas, militares, Estado, judiciais, etc.

Boaventura de Souza Santos (1997) amplia a discussão de que a concepção emancipatória dos direitos humanos não deveria recorrer a falsos universalismos, mas deveria se organizar como uma constelação de sentidos locais mutuamente inteligíveis que, assim, poderia vir a se constituir em redes de referências normativas capacitantes. O autor defende a visão multicultural dos direitos humanos sustentada em cinco premissas: 1) a superação do debate do universalismo e relativismo cultural; 2) a transformação cosmopolita dos direitos humanos; 3) todas as culturas são incompletas e problemáticas nas suas concepções de dignidade humana; 4) todas as culturas têm versões diferentes de dignidade humana; e 5) todas as culturas tendem a distribuir as pessoas e os grupos sociais entre dois princípios competitivos de pertença hierárquica, são eles: igualdade e diferença.

Nesse sentido, o contexto globalizado para B. S. Santos (1997) é ponderado por um processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. Dessa forma, “não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, uma imersão cultural específica” (p. 14).

O autor explica que o uso correto do termo é “globalizações”, pois, com as transformações decorrentes da compressão tempo-espaço, acelerando o tempo e tornado as distâncias mais curtas, há o aditivo das relações de poder, que dizem respeito as diversas formas de mobilidade nesse processo, caracterizando tipos de globalização: a) localismo globalizado, correspondente à difusão global de determinado fenômeno local dominante; b) globalismo localizado, exemplificado pela imigração internacional de pessoas com suas culturas e mão de obra trabalhadora que sofrem a dominação do sistema em que se inserem. Como modo de

produção em que se organiza a resistência e o contrapoder em relação a essas duas formas de globalização, se colocam o cosmopolitismo e o patrimônio comum da humanidade.

A visão da globalização comunicativa e as formas de resistência hegemônica são discutidas por Castells (2009), que entende que o uso da internet é um eficaz instrumento de poder, porém, há uma forma de mobilização social que surge da tática do funcionamento das redes sociais online, articulando formas de dominação. O autor visualiza o processo de forma dinâmica, articulado e engendrado em relações entre sociedade, valores e instituições. Sendo assim, o poder na rede é relacional, pois é compartilhado e não imposto, perfazendo-se através de vínculos e compactuações. “A capacidade relacional do poder está condicionada, mas não determinada, pela capacidade estrutural de dominação” (Castells, 2009, p. 33, tradução nossa). O indivíduo torna-se cúmplice da causa e une-se aos agentes iniciais, formando assim, forças que se impõem mutuamente. E são nessas relações que as sociedades se constituem e exercem suas cidadanias, entre poder e contrapoder, dominação e resistência.

A partir dessas relações surgem as formas de influência sobre os valores e interesses dos que possuem poder. Quem possui o poder são os que definem as regras do jogo nas sociedades. Conhecer de onde surge e como se estrutura o poder, quem tem poder e o poder de fazer com que todos nós tenhamos que seguir esse poder, é o que define o marco social, cultural e político das sociedades. Nessa perspectiva, constrói-se um poder que reside primordialmente na mente humana, na tentativa de influenciar as construções de sentidos e significados, através da comunicação.

Assim, materialmente, os sujeitos passam a se organizar por meio de interesses em comum, estes que convergem para pontos diversos individuais. Para o autor, há duas formas de ostentar o poder: através do monopólio da violência ou através da construção de significados. O poder não se estrutura apenas sobre o controle dos aparelhos repressivos do Estado, mas se fundamenta na “hegemonia” cultural que se exerce através do controle do sistema educativo, das instituições religiosas e dos meios de comunicação:

*O poder é a capacidade relacional que permite um ator social influenciar de forma assimétrica nas decisões de outros atores*



*sociais de modo que favoreçam a vontade, os interesses e os valores do ator que tem o poder. O poder se exerce mediante a coação (ou a possibilidade de exercê-la) e/ou mediante a construção de significado partindo dos discursos através dos quais os atores sociais guiam suas ações (Castells, 2009, p. 33, tradução nossa)*

Nesse sentido, os mecanismos consensuais de dominação reconfiguram-se consoante à possibilidade e acessibilidade à comunicação, formando um tipo de poder multidimensional. Todas essas dimensões dependem dos sistemas de comunicação. O que acontece nesses sistemas de comunicações será crucial para os esforços de mudança social e o que define esse propósito nos processos comunicativos é a “autocomunicação”, possibilitada nos dispositivos móveis, nas redes sociais online, blogs e todos os locais de manifestação relativamente autônomos da internet.

Embora Castells (2009) não separe o virtual do real, entende que cada vez mais o debate das questões do poder e da comunicação se fará via internet, nos espaços que forem inventados para isso. No entanto, o compromisso da sociedade em rede online se materializará nas ruas, nas passeatas, nos protestos e mobilizações sociais. Isso se dará quando houver a passagem da esfera institucional para a esfera comunicativa, quando a luta e o debate acontecem na internet e nas redes sociais, para depois alcançar um nível de ação concreta. Assim será a verdadeira inteligência coletiva e colaborativa, em que a confiança mútua será decisiva nesse jogo de poderes.

### **Redes de comunicação que emergem da sociedade civil**

Mapear os movimentos comunicativos de um acontecimento de abrangência global, como é o caso da crise de refugiados sírios, é uma tarefa que exige, primeiramente, o esforço de bloqueio psicológico de sensibilidades que possam afetar as análises e, em segundo lugar, grande disposição para adentrar o buraco fundo e negro dos sistemas e subsistemas de comunicação que se formam em torno desse tema. A concepção de Redes de Comunicação de Weber (2007) nos oferece a perspectiva de que a sucessão de acontecimentos abala a credibilidade do Estado, instituições e governo, nas esferas locais, nacionais e internacionais. Essa ideia possibilita a compreen-

são do encadeamento sistêmico de fatos, atores, estratégias e sentidos, em processos comunicacionais ligados ao interesse público e à constituição do acontecimento.

De acordo com a autora, essas redes são dotadas de poder comunicativo e ele reside justamente na capacidade de tornar visível suas versões e contagiar as demais redes em torno do tema, repercutir e mobilizar a opinião pública e a opinião de públicos. A descrição desses sistemas permite inferir sobre seus respectivos dispositivos de poder em busca de credibilidade para suas versões. “Significa dizer que muitos atores representam - por delegação (eleitos) ou apropriação (mídias) outros muitos para poder abordar e disputar a verdade” (p. 25).

A tipologia de redes apresentada pela autora consiste em: a) redes de comunicação social; b) comunicação política; c) comunicação do judiciário; d) comunicação científica e educacional; e) comunicação mercadológica; f) comunicação religiosa; g) sistemas de comunicação midiática. Como estratégia metodológica, a categoria analítica que adotaremos para esse artigo é a de “redes de comunicação social”, pois é nela que estão as demandas e as vozes da sociedade civil organizada, movimentos sociais, entidades de classe, instituições de defesa, conselhos, sindicatos, associações, organizações não-governamentais, organizações voluntárias, grupos organizados, etc. “Essas vozes são a própria essência do Estado republicano e, também, as mais difíceis de serem ouvidas, com poucas chances de ocupar lugar nos outros sistemas” (p. 26). Além disso, é nesse ambiente que estão incluídos os grupos organizados identificáveis que navegam pela web e que se formam para se comunicar através de tecnologias interativas e, como tal, produzem, debatem e repercutem opiniões.

Dentro de um contexto de processos sociotecnodiscursivos, entendemos que as relações entre sociedade civil e todos os demais sistemas, no que tange ao debate público sobre a crise de refugiados sírios, se configuram nas ações coletivas de agentes midiáticos. Esse é o grande diferencial desse fenômeno global de crise migratória forçada, pois os acionamentos emanam de movimentos paralelos e/ou alternativos ao jornalismo profissional e tradicional. Com isso, se formam as grandes redes de circulação de sentidos, através de processos e práticas sociais que ativam recursos para que o tema dos refugiados tenha visibilidade e não esgote no espaço público.

Ao denunciarem a crueldade que está acontecendo na Síria e em consequência disso, as fugas coletivas, ou então organizarem campanhas sensibilizadoras, os múltiplos protagonistas criam uma atmosfera impulsionadora e acionadora de materialidades que potencializam o debate público e a solidariedade. Esse cenário tão rico de elementos agregadores não seria possível sem os processos sociotecnodiscursivos. E como resultado, interfere determinantemente na manutenção do macro acontecimento, irritando os sistemas político, religioso, jurídico, econômico, etc.

A seguir identificamos alguns atores sociais que compõem essa rede de comunicação social (Weber, 2007). O esforço classificatório-descritivo consiste em uma análise inicial de primeiros enfrentamentos empíricos, buscando os movimentos que constituem o observável de pesquisa, com base na hipótese do ápice midiático.

### **Redes de comunicação social – tecno solidárias**

Esse agrupamento corresponde às invenções tecnológicas inovadoras que surgiram exclusivamente para ajudar os refugiados do século 21, entre elas, startups humanitárias, plataformas de acolhimento, ajuda e arrecadação de recursos, aplicativos (apps) para dispositivos móveis, etc.

1. O app RefugeeAid, criado pela empresa de tecnologia londrina Trellyz, lançado em fevereiro de 2016, funciona gratuitamente por geolocalização e mostra no smartphone do refugiado os locais mais próximos relacionados a comida, saúde e serviços de justiça.

2. O app BureauCrazy, surgido da dificuldade de um grupo de refugiados na Alemanha. A função desse app é ajudar quem chega a entender o sistema burocrático alemão, concentrando os esforços na experiência do usuário, mostrando o que ele precisa fazer e o que pode legalmente fazer naquele país. O aplicativo tem previsão de ser lançado em agosto de 2017.

3. Migraflex, plataforma digital de empoderamento econômico e social de imigrantes e refugiados, por meio da promoção de suas culturas. Criado no Brasil, são disponibilizados workshops nativos de culinária, dança, música e o que mais surgir, além dos motivos que trouxeram os ministrantes dos workshops ao Brasil.

4. Techfugees, é uma empresa social que mobiliza a comunidade tecnológica internacional para responder à situação dos refugiados, organizando conferências, workshops e hackatona (maratona de programação) ao redor do mundo, com o objetivo de fornecer soluções tecnológicas e descobrir talentos tecnológicos para ONGs que trabalham com refugiados e os próprios refugiados.

5. Plataforma Refugiados Bienvenidos, com atuação física em Madri, na Espanha, inscreve e agencia solidariamente pessoas interessadas em hospedar refugiados em sua casa.

### **Redes de comunicação social – protagonizadoras**

Refere-se a atuação de agentes individuais ou grupos civis organizados que impulsionam a causa do refugiado sírio nas redes sociais online, através de plataformas como Twitter, Facebook, Google Plus, Snapchat Wordpress, Youtube, WhatsApp, Instagram, Spotify, são inúmeros os protagonistas, nesse artigo expomos apenas três:

1. A menina “ativista” de 8 anos, Bana Alabed no Twitter, a qual começou a ganhar seguidores quando ainda estava na Síria e narrava o seu dia a dia na guerra civil. Atualmente ela está refugiada na Turquia com sua família, possui 366 mil seguidores e viralizou vídeos, fotos e cartas escritas à mão, em inglês, para presidentes e autoridades mundiais. Sua mãe, Fatemah Alabed, estudou Jornalismo e Ciências Políticas, se diz ativista da paz global e é acusada de usar a filha para fins políticos.

2. Página no Facebook “En Red SOS refugiados” é uma rede de voluntários independentes, ONGs e associações, que atuam na ajuda humanitária de refugiados na Grécia, arrecadando doações de comida, materiais de higiene, além de divulgar conteúdo exclusivo, reproduzir notícias de ONGs, denunciar violações e violências a refugiados e ativistas, negligências dos governos e compartilhar interpretações e opiniões sobre os refugiados no mundo inteiro. Denominam-se cidadãos que se uniram para evitar a passividade e apatia manifestada pelos governos. A página é em espanhol e tem mais de 22 mil seguidores.

3. Syrian Revolution in the Languages of the World (SRLW) tem sede na capital da Síria, Damasco. Possui página no Facebook (18 mil seguidores), microblog no Twitter



(1.929 seguidores), perfil no Instagram (3.774 seguidores) e quatro canais no Youtube (totalizando 9521 seguidores), com vídeos que evidenciam violações brutais de direitos humanos, chamados de “Arquivos de crimes de Bashar Assad”. Trata-se de uma equipe de tradução sobre “a revolução síria”. Na autodescrição dizem que trabalham duro para documentar violações e massacres contra a humanidade na Síria, traduzindo documentários e vídeos para mais de sete idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol, grego, alemão, persa, português. Alguns conteúdos são extremamente chocantes, mostrando violência explícita e pessoas a morrendo ou já mortas, crianças comendo lixo, em total estado de abandono e sem nenhuma dignidade humana, dentro ou fora da Síria. O SRLW se diz um canal de direitos humanos não governamental, sem fins lucrativos e não-partidário.

### **Redes de comunicação social – institucionalizadas**

Esse agrupamento relaciona campanhas midiáticas lançadas para sensibilizar e informar a sociedade sobre a causa síria, com um diferencial de ter um caráter mais institucionalizado de atuação, caracterizando entidades representativas.

1. Searching for Syria (Procurando pela Síria, em tradução livre), trata-se de uma campanha global do ACNUR em parceria com a fundação Google.org, em que criaram um site com características inovadoras de interação como a contagem dos dias de duração da guerra civil. O site busca quebrar mitos e concepções erradas sobre a Síria e sobre os refugiados, reúne histórias da população, dados do ACNUR, Google Search Trends e outras fontes para trazer respostas às cinco perguntas mais frequentes identificadas na ferramenta de busca do Google sobre o tema: a) Como era Síria antes da guerra? b) O que está acontecendo na Síria? c) Quem são os refugiados? d) Onde estão os refugiados sírios? e) Como podemos ajudar os refugiados sírios? Os visitantes do site podem ainda compartilhar o conteúdo nas redes sociais, doar e assinar a petição global do ACNUR #WithRefugees, que pede aos líderes mundiais que garantam que crianças refugiadas tenham acesso à educação e que famílias refugiadas tenham abrigo e meios de vida. O site possui versões em inglês, francês, alemão e espanhol e em breve haverá a versão em árabe.

### **Considerações finais**

Constatamos que as redes de comunicação da sociedade civil, analisadas nesse artigo, apresentam-se como potencializadoras da circulação de discursos de inclusão social e tecnológica, solidários, sensibilizantes, dramáticos e revoltantes sobre a causa do refugiado sírio, tendo como pano de fundo a consciência de catástrofe humanitária do século. Somente essas redes de comunicação descritas brevemente, porém, inseridas dentro de um observável empírico, já dariam subsídios para compreendermos esse espaço como uma “segunda esfera midiática”, vista como aquela em que Nico Carpentier (2011) denomina como uma multidão de organizações alternativas, estruturais/maximalistas, que possuem condições de possibilidade de participação e buscam o nivelamento de poder.

Consideramos que a existência dessas redes de comunicação social e a possibilidade de participação não significa que isso seja feito efetivamente, pois precisamos considerar os limites do campo discursivo, as oportunidades estratégicas de acesso e interação às redes de comunicação e suas dimensões de poder. Outro ponto a ser destacado é o caráter do amadorismo nas redes de comunicação social – protagonistas, principalmente pelas imagens e vídeos que não possuem textos explicativos, traduções ou legendas, porém, consideramos que alguns conteúdos são completos somente pela composição imagética, sobretudo quando se trata de cenas de guerra, miséria ou morte.

Nosso propósito, com a hipótese de ápice midiático é comprovar um movimento que se delinea como ato comunicacional que coloca em circulação as emoções e os afetos, formando circuitos efetivos entre as esferas da sociedade e instituições, e que, principalmente tenha uma finalidade concreta de comunicação.

Entendemos que as circulações de práticas discursivas emergem outras configurações que invertem e criam novas lógicas na construção noticiosa, opinativa e crítica, proporcionando cada vez mais imprevisibilidades e complexidades nos processos comunicacionais. Sendo assim, mesmo que seja previsível, é difícil garantir se determinado episódio comunicacional, ou microacontecimento midiático irá viralizar, fazer acoplamentos estruturais e reascender o debate

público, pois esse é um processo que emana da sociedade, ela que tem o poder irritativo ou hermenêutico do sistema. E ainda, é ela que tem o poder de tomar para si o problema que lhe é exterior, mas que passou por um processo de naturalização e exige a cumplicidade e, pela natureza negativa do tema, solidariedade e sensibilidade.

## Referências

Acnur. Agência das Nações Unidas para os Refugiados, Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados. Recuperado em 01 junho, 2017, do site do Acnur: [http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados).

Custódio, L. (2011). [Entrevista com Nico Carpentier, autor de *Media and participation: a site of ideological-democratic struggle*]. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 34, 269-284.

Castells, M. (2009). *Comunicación y poder*. Madrid: Alianza editorial.

Charaudeau, P. (2006). *Discurso das mídias* (Angela M.S. Correa Trad.). São Paulo: Contexto, 2006. (Original publicado 2005)

Charaudeau, P. (2007) *Pathos e discurso político*. In: Ida Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.). *As Emoções no Discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

Garcia, G. (2015). *Síria: 2014 foi o pior ano da guerra civil, informam agências humanitárias* [Reportagem com Daniel Gorevan, The Save the Children Fund]. Recuperado em 16 mai, 2017, do Agência Brasil/EBC: <http://agencia-brasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-03/fracasso-na-siria-2014-foi-o-pior-ano-da-guerra-civil>.

Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.

Paiva, O. C. (2000). *Refugiados de Guerra e a Imigração para O Brasil nos anos 1940 e 1950*. Revista Travessia, 37, 25-30.

Quéré, L. (2005). *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, 6, 59-75.

Santos, B. S. (1997). *Por uma concepção multicultural de direitos humanos*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 48, 11-32.

Santos, J. M. (2005). *Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos*. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, 6, p.77-83.

Scherer-Warren, I. (2008). *Redes de movimentos sociais na América Latina: caminhos para uma política emancipatória?*. Caderno CRH, 21, 54, 505-517.

Unhcr, The UN Refugee Agency, Syria Regional Refugee Response - Inter-agency Information Sharing Portal. (2017, april). *Cash for Work in Zaatari Camp April 2017- Basic Needs and Livelihoods Working Group*. Recuperado em 16 mai, 2017, do Operational Portal Refugees Situations: <http://data.unhcr.org/syrianrefugees>.

Unhcr. *Global Trends: Forced displacement 2015*. (2016, 20 de Jun). Statistics Unhcr. Recuperado em 20 jun, 2016, do Global Trends 2015: <http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>.

Weber, M. H. (2007). *Na comunicação pública, a captura do voto*. Logos 27: Mídia e democracia. 14.

Zahreddine, D., Lasmar, J. M., & Teixeira, R.C. (2011) *O Oriente Médio*. Curitiba: Juruá.

## 5 trabalhos publicados mais recentes – Rejane de Oliveira Pozobon

POZOBON, R. O.; GARCIA, A. D. . *Brasil, mau pagador? Estratégias argumentativas na construção social da crise política, econômica e de representação do governo Dilma*.

Eptic (UFS), v. 19, p. 44-59, 2017.

POZOBON, R. O.; RIBEIRO, A. D. . Campanhas Eleitorais: o processo decisório balizado pelo espetáculo político-midiático. ALCEU (ONLINE), v. 17, p. 129-142, 2017.

RIBEIRO, A. D. ; POZOBON, R. O. . A publicização da política: estratégias argumentativas de Dilma Rousseff contra o impeachment. REVISTA DEBATES (UFRGS), v. 11, p. 119-136, 2017.

POZOBON, R. O.; DAVID, C. S. . Manifestações no dia 15 de março: uma análise em Veja e CartaCapital. Conexão: Comunicação e Cultura, v. 15, p. 194-220, 2016.

POZOBON, R. O.; RUTILLI, M. . O enquadramento do tema política no meio rádio: Um olhar sobre emissoras radiofônicas de Brasil e Portugal. In: Hélder Prior, Liziane Guazina e Bruno Araújo. (Org.). Diálogos Lusófonos em Comunicação e Política. Ied.Lisboa: Labcom.IFP, 2016, v. , p. 439-461.

### **5 trabalhos publicados mais recentes – Adriana Domingues Garcia**

GARCIA, A. D.; POZOBON, R. O. . Brasil mau pagador: estratégias argumentativas na construção social da crise política, econômica e de representação do governo Dilma. Eptic (UFS), v. 19, p. 44-59, 2017.

GARCIA, A. D.; POZOBON, R. O. . Refugiados siríacos e o acontecimento midiático pela emoção: uma hipótese de ápice midiático. In: I Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, 2016, São Leopoldo. I Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, 2016.

SANCHOTENE, C. R. S. ; GARCIA, A. D. . O perfil do delegado Marcelo Arigony no Facebook: a circulação de sentidos sobre o incêndio na boate Kiss, em Santa Maria (RS). In: Ada Cristina Machado da Silveira. (Org.). Midiatização da tragédia de Santa Maria. Ied.Santa Maria: Facos-UFSM, 2014.

FERREIRA, J. G. ; GARCIA, A. D. . Inferências sobre a incerteza na formação midiática brasileira: o caso da crítica no Observatório de Imprensa. Animus (Santa Maria. Online), v. 12, p. 219-243, 2013.

GARCIA, A. D.. O poder nas redes sociais: o fenômeno comunicativo/publicitário da divulgação do livro A Privataria Tucana. In: SANCHOTENE, Carlos; COLBEICH, Júlio.. (Org.). Comunicação e novas tecnologias. Ied.Porto Alegre: Armazém Digital, 2012, v. 1, p. 11-26.